



1

“Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5.1-2).

Este capítulo 5 da Epístola aos Romanos não somente introduz uma nova seção, mas, em muitos aspectos, é a chave para o entendimento do restante da carta. Ao mesmo tempo ele contém consolador e revigorador ensino da mais elevada classe. E, portanto, uma passagem que exige diligente e detalhado estudo.

O apóstolo tinha acabado de fazer sua grande exposição da doutrina da justificação somente pela fé. Tinha tratado de todas as objeções, tinha considerado todos os argumentos concebíveis que poderiam ser apresentados contra ela; e, tendo tratado disso tudo, voltou a fazer uma declaração da grande doutrina e, no fim do capítulo 4, mostrou que essa é uma mensagem que deve ser pregada a todos. “Ora não só por causa dele (Abraão) está escrito, que lhe fosse tomado em conta, mas também por nós, a quem será tomado em conta; os que cremos naquele que dos mortos ressuscitou a Jesus nosso Senhor; o qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”.

O apóstolo começa caracteristicamente a nova seção fazendo uso da palavra “pois” (“Sendo pois”). As vezes penso que todo o segredo da vida cristã consiste em saber usar a palavra “Pois”, “Portanto”. De muitas maneiras, a vida cristã é matéria de lógica, matéria de dedução. Os cristãos que brilharam mais esplendidamente através dos séculos sempre foram os que sabiam fazer uso da palavra “Portanto”. Correspondentemente, a causa de muitos fracassos na vida cristã acha-se na incapacidade de usar essa palavra e de deduzir o que poderíamos e deveríamos deduzir desta grande doutrina que estamos estudando.





Noutras palavras, o apóstolo vai mostrar-nos agora que, à luz do que estivera dizendo, há certas deduções inevitáveis que podem e devem ser tiradas. Quais são as deduções e conclusões a que chega o apóstolo? Parece-me que a melhor abordagem disso é considerar seu ensino em geral, fazendo uma análise geral dos capítulos 5,6,7 e 8. É importante fazer isso no início desta nova seção porque, como se sabe, estes capítulos, especialmente os capítulos 6, 7 e 8, de há muito são objeto de controvérsia e de entendimento errôneo.

Uma classificação e subdivisão comumente aceita destes capítulos é mais ou menos assim: dizem que nos onze primeiros versículos deste capítulo 5 o apóstolo extrai e registra os resultados da justificação pela fé. Depois, dizem-nos, no versículo 12 ele dá início à grande questão da santificação e continua tratando desse assunto até o versículo 13 do capítulo 8. Daí em diante, e até o fim do capítulo 8, ele mostra mais alguns resultados e consequências desta doutrina da justificação, levando à nossa glorificação final e ao nosso triunfo sobre todas as provações e tribulações. Há quem diga que a Epístola aos Romanos é muito simples: os quatro primeiros capítulos, justificação; os capítulos 5-8, santificação; e depois, os capítulos 9-11, o problema dos judeus; e então, o restante, instruções e exortações práticas.

A mim me parece que essa classificação está completamente errada. Rejeito-a por muitas razões como espero demonstrar mas particularmente porque, ao adotarmos essa classificação, privamo-nos de algumas das maiores riquezas desta seção, que estamos prestes a examinar.

Sugiro-lhes que essa análise é completamente insustentável e inadequada, ainda que a única razão fosse que ela perde a real significação dos onze primeiros versículos deste capítulo. O de que Paulo verdadeiramente se ocupa nestes versículos não é meramente inferir certos resultados da justificação. É feito isso nesses versículos, porém eles fazem muito mais que isso. Os resultados são quase incidentais; há algo muito mais grandioso aqui. Na verdade, uma “Bíblia” popular não hesita em dizer que há sete resultados da justificação nestes onze versículos. Ela não nos diz quais são esses sete resultados. Tentei achá-los, mas falhei completamente.

Além disso, parece-me que essa classificação não trata adequadamente da tremenda doutrina que é introduzida no versículo 12 deste capítulo, a doutrina da nossa união com Cristo. De igual modo, ela certamente deixa





de fazer justiça ao capítulo 6, que começa com a pergunta: “Que diremos pois?” Seguramente, nos capítulos 6 e 7 o apóstolo está tratando de objeções e dificuldades. Não é tanto de expor uma doutrina positiva que ele está tratando; está se ocupando mais de objeções e dificuldades que as pessoas apresentam contra a doutrina. Sou, pois, compelido a rejeitar essa classificação como sendo demasiada artificial e superficial. Naturalmente, num sentido a doutrina da santificação vai ser tratada nestes capítulos, mas não dessa maneira. Ela é apresentada de maneira inteiramente diversa.

Então, que é que em minha opinião constitui o objetivo destes capítulos? Pressuponho que deste ponto em diante, o apóstolo está primariamente interessado em mostrar-nos o caráter absoluto, a plenitude e a finalidade definitiva da salvação que nos vem do modo como ele já tinha descrito, a saber, como resultado da justificação pela fé. Tendo posto diante de nós essa doutrina da justificação somente pela fé, ele prossegue para mostrar que, se realmente cremos naquele que ressuscitou Jesus, o nosso Senhor, dentre os mortos, “o qual por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para nossa justificação”, a nossa salvação é absoluta, completa e final, e que nada jamais nos privará dela. Essa é, segundo o meu parecer, a legítima abordagem para a correta análise destes capítulos.

Permitam-me consubstanciar o meu ponto de vista. Afirmo que Paulo estabelece isso imediatamente nos dois primeiros versículos: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus”. Ali ele nos leva à última e suprema finalidade da salvação – “a glória de Deus”. É isso que ele deseja ensinar-nos, que a nossa salvação – se de fato vemos e cremos nessa doutrina da justificação pela fé, e se assim descansamos nossa fé em Cristo – que a nossa final e completa salvação é certa, está garantida, é absoluta. Ele afirma isso imediatamente nos dois primeiros versículos.

Depois, nos versículos 3, 4 e 5, Paulo vai adiante e nos mostra que nada jamais a pode arrancar de nós; as maiores tribulações que nos sobrevenham não poderão privar-nos dela, se verdadeiramente ocupamos esta posição. Sejam quais forem as tribulações que nos venham, não farão diferença para nós. Nos versículos 6-11, ele passa a mostrar-nos por que esta nossa salvação é tão inabalavelmente certa e segura. Ele não está apenas traçando





e expondo os resultados da justificação; está mostrando como a justificação torna a nossa salvação absolutamente segura e terminante. Nos versículos 6-11 diz ele que é assim porque é totalmente de Deus, baseada no amor de Deus, no caráter de Deus. Não somente isso; ele mostra que a nossa justificação se baseia na ação de Deus e no amor de Deus para conosco quando éramos completamente fracos e estávamos sem forças, quando, na verdade, éramos seus inimigos. Todavia, afirma ele, esse é de todos o maior argumento; Deus enviou seu único Filho para morrer por nós e pelos nossos pecados, e se ele o fez mesmo quando éramos inimigos, é mais que certo que ele jamais permitirá que caiamos. Esse é o grande argumento do versículo 10: “Se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida”. Noutras palavras, o argumento é este: se você sabe que está justificado diante de Deus mediante a morte e a ressurreição de Cristo, sua salvação completa está garantida. Se Deus fez aquilo, a obra máxima, quando éramos inimigos, não poderá deixar de fazer as coisas menores, necessárias para garantir a nossa final e total libertação do pecado em todos os seus aspectos e formas, e a nossa glorificação final. Aí está, proponho eu, a análise dos onze primeiros versículos – todos eles tratando deste caráter terminante, desta certeza absoluta da nossa salvação.

Nos versículos 12-21, ele não está tratando primeiramente da santificação, mas continua ainda com o mesmo assunto da certeza. Seu argumento é que a maior prova da nossa salvação final e da sua garantia é a nossa união com Cristo; é o fato de que estamos “nele”, como outrora estávamos em Adão. As outras explicações ficam necessariamente em dificuldade neste ponto. O seu problema é: por que o apóstolo começa a falar sobre Adão aqui? Qual é o seu objetivo ao fazê-lo? Do ponto de vista delas, realmente não há resposta. É interessante examinar os diversos comentários nesta altura e ver como são evidentes as suas dificuldades. Alguns nem tentam fazer qualquer classificação; meramente querem dar-nos a impressão de que o apóstolo introduz vários assuntos que não se relacionam entre si, e neste ponto, de repente, introduz a ideia de que antes estávamos em Adão e agora estamos em Cristo. Eles não conseguem ver o argumento em sua continuidade. No entanto, há um argumento contínuo aqui; é o fato de que estamos incorporados em Cristo como antes estávamos em Adão, que garante definitivamente a nossa salvação final. O homem que





é justificado pela fé é o homem que está “em Cristo”, e, visto que ele está em Cristo, a sua salvação final está garantida.

Nos capítulos 6 e 7, Paulo trata de objeções a este ensino, especialmente ao ensino presente nos versículos 20 e 21 concernente à lei. O ensino do apóstolo concernente à graça e à justificação somente pela fé parece sugerir que quanto mais pecarmos, maior porção da graça receberemos, e que, de qualquer forma, a lei parece inútil e desnecessária. Ele se ocupa da primeira objeção no capítulo 6, começando com a pergunta: “Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” Essa era a objeção que estava particularmente na mente do judeu, levando-o a questionar: “Se você diz que tudo é tão seguro e certo que não importa o que fazemos, podemos pecar quanto quisermos; estamos “em Cristo”, você diz, e, portanto, estamos eternamente salvos, seja o que for que façamos ou deixemos de fazer; se você diz que a lei não tem importância vital para nossa salvação, você está abrindo as comportas para a enchente do antinomianismo, você está incentivando as pessoas a pecarem; e elas poderão afirmar que, quanto mais pecarem, mais abundante graça haverá para elas e brilhará diante do mundo”. No capítulo 6 o apóstolo trata disso, dizendo: “Nada disso. Se vocês entenderem realmente esta doutrina da união com Cristo, verão que o seu efeito é precisamente o oposto. Qualquer homem que esteja de fato convencido desta verdade lutará com todas as suas forças e fará todo o possível a fim de aperfeiçoar-se para a glória final. Como João o expressa, “qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1João 3.3). Quem realmente entende a verdade da justificação não diz: “Uma vez que estou em Cristo e estou salvo, posso sair a pecar”; diz exatamente o oposto. No capítulo 7, ele se ocupa da outra objeção, que se refere ao real objetivo e propósito da lei. Ele mostra que esse ensino nunca significou salvar-nos com respeito à justificação e à santificação. Seu objetivo era simplesmente mostrar-nos a nossa necessidade da salvação, a nossa completa incapacidade de obtê-la; na verdade, como ele diz em Gálatas 3.24, seu principal propósito era servir “de aio, para nos conduzir a Cristo”. Noutras palavras, os capítulos 6 e 7 são um parêntese, uma interrupção do argumento principal, para tratar de duas importantes dificuldades e objeções.

Tendo tratado dessas dificuldades, Paulo volta, no capítulo 8, ao grande tema do qual se havia apartado no fim do capítulo 5, e o reassume com as

